

**A EUCARISTIA, SACRAMENTO DA COMUNHÃO ECLESIAL: UMA  
REFLEXÃO PAULINA  
THE EUCHARIST, ECCLESIAL COMMUNION SACRAMENT: A  
PAULINIAN REFLEXION**

Francisco da Costa Freire<sup>1</sup>  
Kelly Thaysy Cabral Lopes<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo expõe uma leitura paulina e do magistério acerca ceia do Senhor descrita em alguns trechos da Carta de São Paulo aos Coríntios. Estudar essa problemática numa ótica ecumênica é de tamanha relevância, visto que o nosso tema proposto refere-se às exigências da Eucaristia como comunhão eclesial. De fato o mundo cristão hodierno clama por unidade. Para São Paulo e para o magistério a Eucaristia é a fonte dessa unidade, e de fato o é, porque de forma prática ela é um dos sacramentos que se preservou em todas as tradições cristãs, sejam elas católicas, ortodoxas ou evangélicas. Guardar essa tradição significa ser sinal de unidade, sinal de comunhão, sinal de eclesialidade. Se as diversas confissões cristãs são fiéis ao mandado de Senhor de fazer a memória de sua Páscoa, devem ser também fiéis aos impulsos do Espírito Santo que clama unidade. Obedientes a esse clamor, seremos assim um só corpo.

**Palavras-Chave:** Eucaristia. Sacramento. Comunhão.

**ABSTRACT**

This article presents a Pauline reading and teaching about the Lord's Supper described in some sections of the Letter of St. Paul to the Corinthians. To study this issue in an ecumenical perspective is extremely relevant, since our proposed theme refers to the requirements of the Eucharist as ecclesial communion. In fact today's Christian world cries out for unity. For St. Paul and for mastership the Eucharist is the source of unity, and indeed it is, because in practical terms it is one of the sacraments that are preserved in all Christian traditions, be they Catholic, Orthodox or Protestant. To save this tradition means to be a sign of unity, a sign of communion ecclesiology signal. If the various Christian denominations are faithful to the commandment of the Lord so as to make the memory of His Easter, they must also be faithful to the promptings of the Holy Spirit that cries for unity. Obedient to that call, so we will be one body.

**Keywords:** Eucharist. Sacrament. Communion.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia no Seminário Arquidiocesano da Paraíba - SAPIC

<sup>2</sup> Professora da disciplina Eclesiologia IV – Ecumenismo no SAPIC. Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB. E-mail: thaysy.lopes@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Neste presente trabalho veremos um desenvolvimento do tema Eucaristia dentro da teologia paulina. De antemão já temos a informação que, em suas cartas, Paulo irá falar pouco sobre o tema. Encontraremos tal referência somente na primeira carta aos coríntios, porém isso não diminui a sua importância.

A problemática da Eucaristia é descrita em duas situações: alguns membros da comunidade que estavam se servindo das carnes oferecidas a outros deuses e a questão do mau procedimento dos coríntios em relação ao modo de celebrar a ceia do Senhor.

Para Paulo os membros da comunidade podem até comer das carnes oferecidas aos ídolos, porém, se esta prática escandaliza alguns irmãos, é melhor que não se coma. O grande conselho do apóstolo é esse: esta prática edifica a comunidade? Se não, então é bom que não se coma – “tudo é permitido, mas nem tudo edifica” (1Cor 10,23b). Um grande perigo levantado por ele é que: comendo da carne os coríntios não caíam na idolatria. Com relação aos argumentos do apóstolo veremos mais claramente no decorrer do texto.

O segundo problema da comunidade é a conduta dos coríntios ao celebrar a Ceia. Havia a desigualdade e o egoísmo por parte de alguns membros que se preocupavam em comer a ceia em detrimento dos mais pobres. Para resolução deste problema Paulo lembra aos coríntios o que ele mesmo recebera por tradição e fazendo memória, questiona a comunidade se a sua conduta está em acordo com a ceia instituída por Cristo.

Veremos ainda o que dizem João Paulo II e Bento XVI ao relacionarem a Eucaristia e a comunhão eclesial, exatamente tão necessária para a unidade da Igreja.

Paulo nos fala poucas vezes da Eucaristia, menos do que o batismo: só em 1Cor 10 e 11; e nas duas vezes não como assunto direto, mas indireto, por ocasião de questionamentos sobre os ídolos e de um abuso na comunidade com relação a forma de celebrar a Eucaristia.

### **A comunidade de Corinto**

Para compreendermos o que Paulo diz sobre a Eucaristia temos que, antes de tudo, situar-nos no contexto das duas passagens em que se fala a respeito dela na sua primeira carta aos Coríntios, para entendermos quais eram os problemas daquela comunidade e quais as respostas dadas por Paulo. A esse respeito Aldazábal nos diz:

Corinto era uma cidade grande, cosmopolita, situada numa encruzilhada de rotas, com dois portos marítimos, pagão, com fama de dissoluta, com muitos templos. De dois em dois anos, celebravam-se em seus arredores os jogos “ístimicos” que atraíam muita gente. Paulo esteve lá um ano e meio pelos anos 50-52 (cf. At 18,11) e escreve esta carta por volta de 55-56, de Éfeso. Das quatro epístolas que lhes escreveu conservam-se só duas. A comunidade

cristã de Corinto se revela, segundo as cartas de Paulo, muito viva e conflitiva, com divisões internas, com personalidades e idéias próprias, não muito disposta a aceitar as argumentações e ordens do apóstolo (2010, p.86).

Na primeira carta aos Coríntios não encontramos uma temática tipicamente judaica (relação entre fé e lei), nem uma temática cristã (o seguimento de Cristo), temos antes uma temática helênica: “a relação entre *gnosis* e *agape*, entre ciência e amor. A finalidade de todas as recomendações é a edificação da comunidade” (ALDAZÁBAL, 2010, p.86).

Paulo se refere aos Coríntios como membros de uma comunidade entusiasta, segura de si mesma e de sua ciência, de seus carismas e liberdade; que tem dificuldade em compreender a escatologia, pelo fato de está muito satisfeita com o presente e sua riqueza cultural. Isso levará Paulo a exortá-la que o principal é o amor, de forma mais objetiva: edificação da fraternidade e a doação aos outros. A partir desses elementos é que o Apóstolo desenvolverá os temas sobre a Eucaristia: a primeira passagem eucarística é resposta à consulta sobre os ídolos, a segunda é referente ao tema das reuniões litúrgicas e sua falta de fraternidade.

### **Eucaristia e os pagãos**

O primeiro tema eucarístico (cf. 1 Cor 10) quer responder a seguinte pergunta: podem os cristãos comerem da carne imolada aos ídolos pagãos? Paulo da sua resposta nos capítulos 8-10 apresentando alguns pontos basilares.

Em 1Cor 8 encontramos o seguinte princípio: a caridade é um critério mais importante que a ciência (v13). A questão neste capítulo é que alguns mais esclarecidos acham que, usando da liberdade, podem comer as carnes sufocadas aos ídolos com o argumento de que não existem outros deuses. A resposta de Paulo é clara: “a liberdade pessoal de cada cristão tem uma fronteira: o amor, a edificação da comunidade, sobretudo na pessoa dos mais fracos” (ALDAZÁBAL, 2010, p.88).

Em 1Cor 9 o apóstolo se coloca como exemplo daquele que renuncia seus direitos para assim dedicar-se aos outros (vs. 4-5). Desta forma se fosse lícito comer carne oferecida aos deuses, seja na casa de algum amigo ou compradas no mercado, os cristãos “fortes” devem saber ceder para o bem dos cristãos “fracos”. Aqui se aplica o princípio: edificação da comunidade.

Um princípio ainda mais importante levantado por Paulo é este: o perigo da idolatria. Em 1Cor 10, 1-3 é lembrado à comunidade o exemplo de Israel que em sua presunção caiu no pecado da idolatria. “pode ser que os cristãos coríntios sentissem que por si só protegia-os do julgamento divino, mas a instrução que Paulo lhes deu dizia respeito não a compreensão errônea da refeição, mas à abstenção da idolatria” (HAWTHORNE, 2008 p. 211).

Em 1Cor 10,16 Paulo irá argumentar a partir do binômio: “vinho-pão e “sangue-corpo”. Esse primeiro argumento baseado na Eucaristia tem uma direção vertical, voltada para Cristo, porque o “cálice da benção” e o “pão que partimos” é comunhão com Corpo de Cristo. A pergunta feita por Paulo é retórica, sua resposta por parte dos coríntios só pode ser afirmativa, visto que estes já assimilaram essa verdade e sabem que esse cálice de vinho e esse pão partido são comunhão com Cristo.

O segundo argumento de Paulo (v.17) é em direção horizontal: a partir da comunidade eclesial. A ideia é que a comunidade vai sendo construída pelo fato de os membros participarem do mesmo Cristo. “A Eucaristia – participação no próprio Cristo – vai fazendo de nós todos um só pão e um só corpo, ou seja, vai construindo nossa comunidade” (ALDAZÁBAL, 2010, p.93).

### **Celebrações da comunidade**

O outro problema encontrado na Igreja de Corinto era com relação as reuniões da comunidade (1Cor 11), mais especificamente, aconteciam conflitos entre pobres e ricos. “É evidente que, como as tensões eram grandes, a reunião não devia ser muito fraternal. (...) Além do sectarismo, a unidade do grupo era quebrada também por egoísmo comodista” (QUESNEL, 1983, p. 73). A argumentação paulina irá demonstrar que esse tipo de reunião é exatamente contrário ao que Cristo ordenara que a comunidade fizesse.

1Cor 11, 17-34 refere-se especificamente à celebração da Eucaristia e da forma como era celebrada pelos coríntios: as divisões entre os irmãos (v. 17-19), o abuso contra irmãos de comunidade (v. 20-22). Como argumento contrário a essa forma de celebrar Paulo apresenta o relato da ultima ceia (v. 23-25) e sua reflexão pessoal sobre o que significa a Eucaristia:

Por conseguinte, que cada um examine a si mesmo antes de comer desse pão e beber desse cálice, pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação. Eis por que há entre vós tantos débeis e enfermos e muitos morreram. Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas por seus julgamentos o Senhor nos corrige, para que não sejamos condenados com o mundo. (v. 28-32).

Paulo não poderia elogiar essa forma de celebração visto que a prática dos coríntios iria em direção contrária aquilo que ele mesmo disse (cf. 10, 17). E isto ele mesmo afirma: “o que fazeis não é comer a ceia do Senhor” (v.20b). Para o Apóstolo os coríntios não estavam sendo fieis a intensão da Eucaristia tal como Cristo a pensou. A comunidade pecava pela falta de fraternidade - pecado social (v. 22). Por isso ele, contra essa situação da comunidade, faz uma memória do relato da última ceia, para

mostrar aos coríntios o absurdo que eles estavam fazendo em celebrar a Eucaristia de forma contrária a intenção de Jesus. “O principal objetivo paulino, que deu apoio teológico para o conselho prático, foi alcançado quando Paulo citou a tradição que ele recebera e que já havia transmitido verbalmente à Igreja” (HAWTHORNE, 2008, p.213).

Em 1Cor 11, 23-26 temos a apresentação feita por Paulo dos gestos e palavras da ceia eucarística instituída por Jesus. Segundo Aldazábal a argumentação de Paulo é a seguinte:

Cristo foi entregue, deu-nos seu próprio corpo (“o por vós”, “to hyper hymon”, sem o “didomenon”, o que acentua ainda mais o caráter de definição: Cristo é “o por vós”), e encarregou a comunidade de celebrar isto como memória de sua entrega pelos demais. Ora, como se pode chamar de memorial da entrega de Cristo o que fazem os coríntios, que não são capazes de esperar uns pelos outros, não partilham sua comida com os mais pobres e chegam a envergonhar-los e desprezam a comunidade? (2010, pp. 95-96).

Ao fazer essa memória do fato da última ceia, Paulo quer que os coríntios entendam e coloquem as coisas no seu devido lugar. A esse respeito Quesnel nos ajuda:

Paulo desenvolve o sentido desses gestos para que as celebrações de Corinto recuperem o sentido que elas nunca deveriam ter perdido. (...) Quando falamos do batismo, tivemos a oportunidade de dizer que o rito colocava o batizado em relação com a cruz de Cristo. Agora, observamos que a eucaristia funciona de modo análogo. Rata-se de uma constante na teologia sacramental de Paulo: os sacramentos, gestos de salvação, fazem com que o crente participe da morte e da ressurreição de Jesus, acontecimento salvador por excelência, tal é a medida em que comprometem o crente (1983, pp. 78-79).

Para Paulo ainda, a celebração da Eucaristia tem uma tensão escatológica: “até que ele venha”. Se considerada como memorial visa o futuro. Eis exatamente um dos problemas dos coríntios: indiferença para com as realidades últimas. A Eucaristia, dentro do tempo da Igreja, tende à manifestação plena do Reino de Deus, e ela assim o é: antecipação do banquete escatológico. Desta forma a comunidade cristã de coríntios deveria assumir diante do mundo uma imagem clara do Reino de Deus, Reino escatológico – presença real, realidade sacramental – o já e ainda não.

## **O Magistério, Eucaristia e Comunhão**

O Papa João Paulo II, em sua encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, comenta exatamente essa perícopa da primeira carta aos Coríntios. Para ele a Eucaristia

cria a comunhão e educa para a comunhão. Aqui o Papa enfatiza exatamente essa eficácia da Eucaristia como promotora da comunhão eclesial.

Ao escrever aos fiéis de Corinto, São Paulo fazia-lhes ver como as suas divisões, que se davam nas assembleias eucarísticas, estavam em contraste com o que celebravam – a Ceia do Senhor. E convidava-os, por isso, a refletirem sobre a verdadeira realidade da Eucaristia, para fazê-los voltar ao espírito de comunhão fraterna.

Considerando a Eucaristia como sacramento de comunhão eclesial, há um tema abordado na mesma carta papal que não pode deixar de ser considerado: a relação da Eucaristia como o ecumenismo. Nas últimas décadas muitos fiéis foram contagiados pelo fervoroso espírito do empenho ecumênico, como também não cansaram de trabalhar pela unidade dos cristãos. De fato, os textos conciliares que fazem referência ao ecumenismo consideram esse esforço como um dom especial de Deus. “Foi uma graça eficaz que fez caminhar pela senda ecumênica tanto a nós, filhos da Igreja Católica, como aos nossos irmãos das outras Igrejas e Comunidades eclesiais” (JOÃO PAULO II, 2005, n. 43).

A inspiração divina para a meta da unidade impele toda a Igreja a olhar para a Eucaristia, que é o sacramento por excelência da unidade do povo de Deus, e dela aprender as lições de unidade que Deus pai quer nos ensinar. A Igreja, fiel ao mandato do Senhor de fazer a memória da sua Páscoa, crer e reza pela unidade do corpo místico de Cristo.

Na celebração do sacrifício eucarístico, a Igreja eleva a sua prece a Deus, Pai de misericórdia, para que conceda aos seus fiéis a plenitude do Espírito santo de modo que se tornem em Cristo um só corpo e um só espírito. (...) A Igreja acredita na eficácia da mesma, por que ora em união com Cristo, Cabeça e Esposo, o qual assume a súplica da Esposa unindo-a à do seu sacrifício redentor (JOÃO PAULO II, 2005, n. 43).

A unidade da Igreja, realizada por meio do sacrifício da Eucaristia comporta uma exigência imprescindível para o mantimento dos laços dessa mesma unidade. Por isso que para manter o laço da unidade, não se pode preterir as verdades da fé ou qualquer ambiguidade que venha de confronto com essas verdades. “O caminho para a plena união só pode ser construído na verdade” (JOÃO PAULO II, 2005, n. 44).

Na Encíclica *Ut unum sint* o Papa exprime o desejo sincero da união dos cristãos por meio do sacramento da Ceia do Senhor: “E todavia nós temos o desejo ardente de celebrar a única Eucaristia do Senhor, e este desejo torna-se já um louvor comum, uma mesma imploração. Juntos nos dirigimos ao Pai e fazemo-lo cada vez mais com um só

coração” (JOÃO PAULO II, 2004, n. 45). Para o Pontífice a Eucaristia é epifania de comunhão. E ela assim o é pelo fato mesmo de ser fonte de comunhão eclesial e expressão máxima dessa manifestação. “É comunhão fraterna, cultivada com uma espiritualidade de comunhão que nos induz a sentimentos de recíproca abertura, de afeto, de compreensão e de perdão” (JOÃO PAULO II, 2005, n. 21).

No magistério do Papa Bento XVI, mais especificamente na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, o Papa reafirma aquele desejo de seu predecessor de um dia estarem todos os cristãos reunidos num só coração ao redor da Eucaristia:

O vínculo intrínseco existente entre a Eucaristia e a unidade da Igreja nos faz desejar ardentemente o dia em que poderemos celebrar, juntamente com todos os que crêem em Cristo, a divina Eucaristia e exprimir assim visivelmente aquela plena unidade que Cristo quis para os seus discípulos (n.56).

A Eucaristia não manifesta somente a nossa comunhão pessoal com Jesus Cristo, mas nos compromete também para fazermos comunhão com a Igreja. Por esse motivo é que o Papa faz um pedido de que os cristãos não católicos compreendam e respeitem a convicção católica contida na Bíblia e na Tradição: “pensamos que a comunhão eucarística e a comunhão eclesial se interpenetram tão intimamente que se torna geralmente impossível aos cristãos não católicos terem acesso a uma sem gozar da outra” (BENTO XVI, 2007, n. 56). Contudo, isso não se torna um ponto de entrave à comunhão eclesial, antes é um incentivo ao verdadeiro espírito da verdadeira unidade desejada por Cristo.

## CONCLUSÃO

Penso que para início desta conclusão devo lembrar-me da figura do apóstolo Paulo e também do seu incansável ministério missionário em levar o Evangelho a todos os povos. Algum outro como ele talvez não haja mais. Homem eloquente e audacioso, de uma convicção, de uma verdade tal como nenhum outro.

Falar de Paulo é lembrar-se dos seus ensinamentos e de sua forma de conduzir as comunidades por ele fundadas. Em especial o tema que estudamos nestas páginas. Ao entrarmos no tema da Eucaristia em São Paulo é para nós um desafio, exatamente porque nos questiona: como estamos tratando a Eucaristia em nossas comunidades? A Eucaristia nos está transformando em Corpo de Cristo? Ou melhor, estamos nos comprometendo com tudo que nos é exigido ao participarmos do banquete da Eucaristia? Forma essas as perguntas que Paulo também respondeu junto à comunidade de Corinto e nós também hoje tentamos responder.

Um grande desafio trabalhado por Paulo na 1 Coríntios era exatamente a unidade da comunidade, o que essa comunidade deveria fazer para se edificar a si mesma. Hoje nossa realidade não é tão diferente daquela comunidade. A conduta de muitos dos membros destas está contribuindo para a sua edificação? Ou somos cristãos apenas de nome e continuamos reproduzindo práticas que dão contra testemunhos com que acreditamos – ou fingimos acreditar!

Penso que no mundo secular em que vivemos, onde impera a destruição de todas as verdades absolutas, nós os cristãos em meio a este mundo, corremos o risco de também perdermos o oriente da fé que acreditamos. A Eucaristia como a verdade da nossa vida e da vida da Igreja deve imperar, deve Ela ser, e assim o é, o alimento fundamental de transformação dos homens e do mundo. O cristão, alimentado por ela, deve se transformar naquilo de que se alimenta e mostrar aos que dela duvidam a verdadeira “luz do mundo” e que realmente é “o caminho, a verdade e a vida”, o Cristo, Pão para a vida eterna.

## REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, José, **A Eucaristia**. Trad. Lúcia Mathilde, Petrópolis, Vozes, 2010.
- BENTO XVI, **Sacramentum Caritatis**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006.
- HAWTHORNE, Gerald F., **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- JOÃO PAULO II, **Ecclesia de Eucharistia**. 11ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Mane nobiscum Domine**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ut unum sint**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- QUESNEL, Michael, **As epístolas dos coríntios**. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983.